ESTADO DE MINAS

Publicado em 24/08/2023 - 05:55

Milhares esperam por transplante de órgãos

SAÚDE

Baixo número de doações de órgãos no Brasil complica a situação de pacientes e exige conscientização para ato que pode salvar vidas, diz especialista. Maior demanda é por rim

Quase 6 mil pessoas estão na fila de transplantes em MG

JOANA GONTIJO E NARA FERREIRA*

A internação do apresentador Faustão, que ingressou na fila de transplantes pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no início da semana, novamente trouxe à tona a discussão sobre a doação e a angústia dos pacientes que aguardam por um órgão no Brasil. Em Minas Gerais, segundo o MG Transplantes, um levantamento de janeiro a julho deste ano mostra que 5.949 pessoas estão à espera de um órgão no estado. Do total, 22 esperam um coração, 2.986 por córnea, 2.794 por rim, 97 por fígado, 44 por rim/pâncreas e seis por pâncreas.

Até dezembro do ano passado, a lista de espera em Minas era de 32 pessoas aguardando um coração, 2.863, córnea, 87 por fígado, 10 por pâncreas, 2.861 por rim e 49 por rim/pâncreas, em um total de 5.902 pessoas na fila no estado. Importante considerar ainda que uma mesma pessoa pode figurar na lista em 2022 e estar na mesma condição atualmente.

Em relação ao número de transplantes, o levantamento mostra que, entre janeiro e julho de 2023, 480 pacientes receberam uma nova córnea, 40, escleras, 169, medula óssea, 330 receberam rins de doadores falecidos, 77 foram transplantados com rins de doadores vivos, 43 passaram por transplante de coração, 4 de fígado/rim (como se chama a doação conjunta, no caso do paciente que precisa ao mesmo tempo de mais de um órgão), 102 de fígado, nove de rim/pâncreas (também doação conjunta) e cinco de pâncreas. Comparando o número de pessoas na fila de espera com as doações feitas, constata-se que o cenário mais crítico é para quem precisa de um novo rim.

Cirurgião cardiovascular e torácico do Hcor, o médico Paulo Pego Fernandes explica que a fila de espera por órgãos respeita a ordem cronológica, mas é feito um cruzamento com uma lista de prioridades. No caso de problemas cardíacos, como o quadro de Faustão, pacientes internados, com suporte para o coração e outros órgãos são priorizados e podem tomar a dianteira da fila.

A gravidade do caso, o tipo sanguíneo e o tamanho corporal (altura e peso) influenciam no tempo de espera pelo órgão. "Em casos menos graves, a espera por um transplante cardíaco pode ser de 12 a 18 meses, em média. Em casos mais graves, esse período pode ser reduzido para de dois a três meses", esclarece o especialista. "Muitas vezes, enquanto aguarda o transplante cardíaco, o paciente tem uma piora importante, fazendo com que seja necessária a internação, geralmente, em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), recebendo medicações que ajudam o sangue a circular no organismo", destaca.

TV BRASIL/DIVULGAÇÃO - 14/5/15

Equipe médica durante cirurgia: entre janeiro e julho deste ano, 1.255 transplantes de órgãos diversos foram realizados em Minas Gerais

DESAFIO Para Agnaldo Soares Lima, diretor acadêmico da Associação Médica de Minas Gerais (AMMG) e coordenador de transplante de fígado da Santa Casa de BH, hoje a maior dificuldade para o paciente na fila de transplante é a disponibilidade do órgão necessitado. Segundo o Ministério da Saúde, mais de 65 mil pessoas estão na fila de transplante de órgãos no Brasil. "Isso se deve, principalmente, ao baixo número de doações de órgãos no país, gerado pela falta de conscientização diante da importância da ação que pode salvar vidas", comenta.

Espera, confiança e aprendizado

A designer Andrea Riane Rocha, de 59 anos, foi diagnosticada com ceratocone no olho direito, doença ocular que afeta a córnea, na adolescência. À época, ela foi submetida a um transplante de córnea. Agora, o órgão passa por um novo processo de desgaste e ela acaba de entrar em uma segunda fila de transplante, a nível nacional, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), em que está há seis meses. Andrea não sabe precisar a causa do problema. Acredita que tenha acontecido devido a um quadro de estresse. Enquanto aguarda, faz acompanhamento com oftalmologista e diz que, apesar de ansiosa, está confiante. Se não conseguir o órgão, pode perder a visão. "Se isso acontecer, graças a Deus tenho a outra vista", diz, otimista.

Quando a advogada Gisela Fani tinha 4 anos, precisou ser levada a nefrologista pediátrico depois de urinar sangue, mas os exames não foram conclusivos sobre o que estava se passando. Gisela se manteve em um tratamento conservador, até que, aos 18 anos, começou a perder hemácias ao urinar. Entre 2012 e 2013, teve dois quadros de resfriados severos, inclusive um que evoluiu para pneumonia, o que foi o gatilho para ocasionar também perda de proteína pela urina.

Gisela conta que nunca soube o que era, até que, em 2017, a doença se agravou e a perda de proteína foi galopante. Nessa ocasião, uma segunda biópsia finalmente indicou nefrite crônica autoimune e Gisela foi indicada a tentar um transplante de rins – o tratamento de controle com imunossupressores, a que vinha sendo submetida, não seria mais eficaz.

Em 2019, ela recebeu o órgão de sua madrasta, que foi compatível. Mas, em 2021, foi detectado um vírus no rim recebido e, em setembro de 2022, ela voltou à fila de transplante. Conseguiu o rim, mais uma vez, em fevereiro deste ano. Para Gisela, hoje com 41 anos, uma história que lhe ensinou sobre esperança. "Todos pensam que vão morrer com a doença. Mas não é o fim. Sempre tive uma vida normal. A doença é um processo de aprendizado", diz.

Paulo Fernandes explica o transplante é feito quando se encontra um órgão compatível. "A grande vantagem é que o paciente passa a ter uma qualidade de vida normal, dependendo apenas de imunossupressores e controle clínico rigoroso", aponta.

MARCOS VIEIRA/EM/D.A PRESS

Já submetida a um transplante, Andrea espera confiante por outro, já que a córnea recebida passa por processo de desgaste

Gravidade, compatibilidade e prioridade

A fila de espera por transplante de órgãos no Brasil chega hoje a 66.179 pessoas, aponta dados do Ministério da Saúde atualizados ontem. O número inclui pacientes que estão à espera de transplantes de rim (57.066), córnea (25.868), fígado (2.240), pâncreas/rim (395), coração (386), pulmão (168), pâncreas (49) e multivisceral (7). O sistema nacional de transplantes leva em consideração fatores como gravidade, compatibilidade e prioridade.

Agnaldo Soares Lima, diretor acadêmico da Associação Médica de Minas Gerais (AMMG) e coordenador de transplante de fígado da Santa Casa de BH, explica que no caso de órgãos como o rim a compatibilidade é priorizada para o transplante ser bem-sucedido; para o coração, considera-se a urgência.

Uma preocupação relevante é a rejeição. O fígado é um dos órgãos com menos casos de recusa. Sobre o fígado, Agnaldo diz que engana-se quem acha que a doação entre vidas (quando se doa parte do órgão) é comum nesse caso. "Cerca de 10% dos transplantes de fígado são dessa forma, quando o doador está vivo. Sendo que dessa porcentagem a maioria é de crianças, já que vários critérios precisam ser analisados, como a compatibilidade sanguínea e tamanho do fígado", informa.

Ainda sobre o fígado, Agnaldo informa que as principal causa para o transplante do órgão é a cirrose por bebida, seguida pela hepatite C, gordura no fígado. "Os transplantes gerados por hepatite C têm diminuído devido ao tratamento disponível – com 95% de taxa de cura – enquanto a hepatite por gordura tem aumentado devido ao crescimento dos casos de obesidade."

Transplantes como o de coração, pulmão e fígado são mais arriscados devido à fragilidade do paciente. "A recuperação leva por volta de dois a três meses e, ao perceber a oportunidade que ganhou, o paciente volta a seguir sonhos, a trabalhar, praticar atividades físicas etc. Vale ressaltar que observamos cada paciente individualmente. O resultado não é igual para todos", explica o especialista.

O médico reforça a importância de as pessoas se conscientizarem sobre as doações de órgãos ou tecidos e procurarem fontes confiáveis e especializadas. "Posteriormente é essencial informar aos familiares sobre a decisão, além de conscientizá-los também, pois serão os responsáveis pelo corpo após a morte e somente eles poderão autorizar a doação dos órgãos de um familiar."

* Estagiário sob supervisão da editora Ellen Cristie

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Pagina:** 11

Copyright © Clipclap 2026.